

À procura do tempo perdido

AS candidaturas dos Srs Tancredo Neves e Paulo Maluf realizam um movimento claramente perceptível a olho nu. A primeira começa, pouco a pouco, a distanciar-se do seu eixo original — ganha abrangência e amplia suas chances de êxito. A segunda procura reencontrar-se com as raízes que lhe deram sustentação — reduz suas proporções mas talvez lucre em eficiência. A manobra do ex-Governador mineiro é mais antiga, vem dos primórdios de sua candidatura; a do deputado paulista é mais recente, esboçou-se com a análise dos últimos 30 dias de campanha.

Informam do comportamento do Sr Tancredo Neves os gestos que ele produziu na semana passada. Antecipou-se às preocupações da base militar do regime e anunciou que conteria o radicalismo verbal dos seus aliados. Desautorizou a presença de bandeiras vermelhas no comício de Belém. Apresou-se a declarar que sua candidatura não é anti-Revolução e sim pós-Revolução de 1964. Repetiu sua profissão de fé anti-comunista. Defendeu na Câmara a Lei de Informática proposta pelo Governo. Despachou um emissário ao encontro do Presidente, doente em São Paulo.

Do comportamento do Sr Paulo Maluf informam suas declarações nas últimas 72 horas. Disse em São Paulo, e tornou a repetir em Brasília, que sua candidatura foi sempre contra tudo e contra todos; que faz oposição desde que se lançou ao Governo de São Paulo; e que ganhou a indicação do PDS apesar de não contar com o apoio dos governadores do partido nem com a simpatia do Governo Federal. Comparou-se a “um pequeno David” em luta permanente com “vários gigantes Golias”. Considerou “supletiva” a ajuda que possa agora receber do Governo Figueiredo.

O projeto do ex-Governador mineiro alçou vôo da plataforma de lançamento montada pelo PMDB. Acoplaram-se a ele, desde então, os liberais dissidentes do PDS, o PDT do Governador Leonel Brizola, parte do PT do Sr Luís Ignácio da Silva, parte do PTB fisiológico e sem dono, e fatias expressivas da chamada sociedade civil brasileira. As federações de indústrias mais importantes estão com o Sr Tancredo Neves. A Igreja progressista e moderada o prefere — e disso, recentemente, deu notícia o presidente da CNBB. Há ministros do Governo que o ajudam silenciosamente.

Começa cumprir-se a profecia feita há mais de um ano pelo Deputado Fernando Lyra, que acreditava na candidatura do Sr Tancredo Neves quando o próprio nem mesmo acreditava: que o ex-Governador de Minas estava destinado a tornar-se um nome de consenso à Presidência da República. De consenso, não de unanimidade. O Sr Tan-

credo Neves está em campanha sem dispor, por enquanto, de um programa de Governo — e não dispõe porque seria impossível detalhar um programa capaz de satisfazer a heterogeneidade das forças que o secundam.

Alcançou posição tal que pode malhar o comunismo que os comunistas seguem com ele; defender a reserva de mercado no campo da informática que os empresários que se opõe a isso não o abandonam; pregar a necessidade da convocação de uma Assembleia Constituinte que as bases do regime sensíveis ao seu nome não o desamparam. Se eleito, o Sr Tancredo Neves não estará preso a uma teia de compromissos porque, até agora, não assumiu nenhum — salvo o de consolidar o processo democrático. Emposado, haverá de estabelecer alguns para poder governar.

O candidato, que a cada dia é menos do PMDB, começa a pairar sobre tudo e sobre todos. O Deputado Fernando Lyra arrisca-se a cometer nova profecia: a de que o Sr Tancredo Neves acabará contabilizando o suporte do Presidente Figueiredo. A ausência do patrocínio presidencial obriga o Deputado Paulo Maluf a dar meia-volta volver e a tentar resgatar a linha de conduta que deu certo até a convenção do PDS. Desistiu de esperar o auxílio que não vem — pelo menos da maneira como gostaria.

O Sr Maluf ocupou-se, desde a convenção, em vender a teoria de que vencê-la era um problema seu — mas de que vencer no Colégio Eleitoral é um programa seu e do Governo. Não obteve o êxito que imaginava. O Governo não enquadrou os governadores do PDS rebeldes à candidatura do partido. Os ministros não foram obrigados a suar a camisa pelo deputado. O fazem, por conta própria, o da Justiça e o da Indústria e do Comércio. O Ministro Delfim Netto colabora mas sem a desenvoltura que só o Presidente Figueiredo poderia permitir.

Os Ministros Jarbas Passarinho, Mário Andreazza, Esther de Figueiredo Ferraz e Leitão de Abreu formam, sem admitir de público, o núcleo de resistência governamental ao candidato do PDS. O Ministro Octavio Medeiros parece desinteressado pela sorte dele. Interessou-se mais pela do Coronel Pamplona, que manteve na Presidência do IAA, até o dia em que ele preferiu sair. O Sr Maluf está à procura do tempo perdido. Retomará as viagens aos Estados no início da próxima semana. Empenhará seus reconhecidos dotes de convencimento no corpo-a-corpo com os membros do Colégio Eleitoral. Dirá o que pensa menos preocupado em agradar o Governo.

Se perder, pensa que o Governo perderá junto. Se ganhar, acha que o fará sozinho. Mais uma vez. Para comprovar sua fama de político solitário.

RICARDO NOBLAT

Editor Regional do JORNAL DO BRASIL em Brasília
(Interim)